

## VONTADE

Como posso eu viver a minha vida sem cometer um  
acto com uma tesoura gigante?

— JOYCE CAROL OATES,  
«Um Monólogo Interior»

Na última fotografia a máquina demorara-se na anca, na anca nua e, embora não fosse a anca dela, adquirira fama de ter boa vontade.

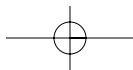
«Tens corpo», disseram-lhe os directores do estúdio ao almoço, no Chasen's.

Ela afastou o olhar. «Habeas corpus», disse sem sorrir.

«Perdão?» Uma anca que sabia latim. Jesus.

«Nada», disse ela. Sorriram-lhe e avançaram com nomes. Scorsese, Brando. Para eles, trabalhar era uma brincadeira completa, uma brincadeira de gel no cabelo. Por vezes, sentia-se mal por *não ser* a anca dela. Devia ter sido a anca dela. Uma fotografia medíocre, uma fotografia nojenta e pornográfica: sabia que estas erotizavam os indisponíveis. Os retocados e os falsos. Os substitutos. Involuntariamente, tinha participado. Deixai que se interponha uma anca. Uma anca falsa, indisponível, anónima. Ela mesma era tão verdadeira como um maldito produto lácteo, pronta para servir de almoço em qualquer altura.

Mas já roçava os quarenta.



Começou a deixar-se ficar por bares de sumos. Sentar-se tardes a fio em sítios chamados Meu Amorsuminho ou Doces-com-sumos. Bebia sumos e, lá fora, fumava um cigarro de vez em quando. Tinham-na levado a sério (uma vez), isso ela sabia. Havia discutido projectos: Nina. Portia. Mãe Coragem maquilhada. Agora as mãos tremiam-lhe demasiado, mesmo a beber sumos, *especialmente* a beber sumos, um Vantage oscilando-lhe entre os dedos como o mostrador de uma bússola. Recebeu guiões em que era suposto dizer deixas que nunca diria, não usar roupas que jamais não usaria. Começou a receber chamadas obscenas e postais assinados com «Oh sim, querida». O namorado, um realizador cada vez mais famoso pelos seus fracassos caros, um homem que duas vezes por semana pousava um olhar carrancudo no *guppy* vermelho tropical dela e o mandava ir trabalhar, converteu-se ao catolicismo e voltou para a mulher.

«Agora que nós começávamos a acertar agulhas», disse ela. Depois chorou.

«Bem sei», disse ele. «Bem sei.»

E assim deixou Hollywood. Telefonou ao agente e pediu desculpa. Voltou para a sua Chicago, alugou um quarto à semana no Days Inn e começou a beber xerez, a ficar um pouco roliça. Deixou que a vida se tornasse monótona: monótona, mas com bolos DanCake. Havia momentos eriçados de modorra em que olhava para a própria existência e saía-lhe: «*O quê?*» Ou, sentindo-se interrompida e cansada, pior ainda: «*O-ãã...?*» Aquela assumira a forma de um erro terrível. Decidiu que era isso, que não lhe haviam dado os instrumentos necessários para construir uma vida a sério. Tinham-lhe estendido uma lata de molho e uma escova de cabelo dizendo, «Aqui tens.» Ficara ali, de pé anos a fio, pestanejando e perdida, a passar a escova pela lata.

Ainda assim, ela era uma estrela de cinema menor, nomeada em tempos para um prémio maior. A correspondência veio parar-lhe indirectamente às mãos. Um aviso. Uma conta. Um cartão pelo Dia de Acção de Graças. Mas nunca houve uma festa, um jantar, uma inauguração, um chá gelado. Lembrava-se que um dos problemas das pessoas em Chicago era nunca sentirem a solidão ao mesmo

tempo. A tristeza delas acontecia de forma isolada, titubeante e grotesca, mandando-as de volta num rodopio sibilante para recantos vazios e acolchoados, desligadas e sozinhas.

Via televisão por cabo e mandava vir muita coisa de uma pizzaria. Uma vida de esquecimento e de calma radical. Alugou um piano e pôs-se a estudar escalas. Investiu na bolsa. De manhã escrevia os sonhos para descobrir sinais que lhe indicassem o que comprar ou vender. *Disney*, disseram-lhe uma vez os sonhos. *Hospital St. Jude*. Fez mais um dinheiro. Tornou-se obsessiva. As palavras *árvore das patacas* aninhavam-se-lhe ao canto da boca como o alimento de um ruminante. Tentou ser original (o que não é das melhores coisas quando se trata de acções) e começou a perder. Sempre que um papel descia, comprava mais, para depois recuperar o investimento quando voltasse a subir. Ficou confusa. Pôs-se a fitar o Lago Michigan pela janela, a ardósia ondulante da água parecendo-lhe um quadro estragado.

«Sidra, *o que é* que estás a fazer aí?» chiava-lhe a voz amiga de Tommy numa chamada telefónica interurbana. «Onde é que estás? Estás a viver num estado qualquer que faz fronteira com o Dakota do Norte!» Era argumentista em Santa Mónica e uma vez, há muito tempo e ressacados de Ecstasy, tinham dormido juntos. Apesar de ele ser homossexual, tinham gostado muito um do outro.

«Talvez me case», disse ela. Não se importava de estar em Chicago. Via a cidade como uma mistura de Londres e Queens, com uma pitada de Cleveland.

«Oh, por *favor*», disse ele de novo, numa voz estrídula. «O que é que estás *realmente* a fazer?»

«A ouvir cassetes com o som das ondas para melhorar a auto estima», disse ela. Soprou para o bocal do telefone.

«Parece um disco riscado», disse ele. «Se calhar devias era arranjar a cassette dos grilos estridentes. Já *ouviste* a cassette dos grilos estridentes?»

«Hoje fizeram-me uma permanente mal feita», disse ela. «Quando ainda ia a meio dos rolos, houve uma falha geral de electricidade no prédio. Havia uns homens a fazer perfurações lá fora e atingiram um cabo.»

«Que maçada a tua», disse Tommy. Ela conseguia ouvir-lhe o tamborilar dos dedos. Tinha-se feito autor de faz-de-conta de um livro de ensaios de faz-de-conta, intitulado *A Opinião de um Homem* e quando estava aborrecido ou inspirado citava-o. «Em tempos fiz parte de uma banda *rock* chamada Permanente Mal Feita», disse, em vez de citar.

«Está bem, está». Ela riu-se.

Ele baixou a voz, num tom preocupado. «O que é que *estás* a fazer aí?» perguntou de novo.

O quarto dela fazia canto e deixavam-na ter lá um piano. Era em forma de L, como uma vida que, de súbito, mudasse de rumo para se transformar noutra coisa qualquer. Tinha um sofá e dois toucadores de carvalho, e nunca estava tão arrumado como ela gostaria. Quando as empregadas de limpeza passavam, a tabuleta de NÃO INCOMODAR estava sempre pendurada, de modo que as coisas saíram um pouco fora de controlo. Bolas de cabelos e pó, do tamanho de cabeças pequenas, ressaltavam nos cantos. Borrões de sujidade começaram a escurecer as molduras e a enevoar os espelhos. A torneira da casa de banho pingava mas, demasiado cansada para telefonar a quem quer que fosse, atou-lhe um fio na ponta, encaminhando a gota calmamente para o cano, para não voltar a incomodá-la. A única planta que tinha, à janela, virada para este, foi caindo sobre o tacho das pipocas e secou até ficar castanha e estaladiça. No parapeito, a abóbora que talhara para o Dia das Bruxas havia apodrecido, derretido, gelado e parecia agora uma bola de basquete vazia: uma bola que pudesse ter guardado por razões sentimentais, uma bola do *grande jogo*! O homem que lhe trazia o pequeno almoço ao quarto todas as manhãs (dois ovos escalfados e uma cafeteira cheia) fez queixa ao assistente de direcção e ela recebeu um aviso por escrito, que lhe meteram debaixo da porta.

Às sextas-feiras visitava os pais em Elmhurst. O pai ainda não conseguia olhá-la bem nos olhos. Tinha agora setenta anos. Há dez, fora assistir ao primeiro filme em que ela entrara, vira-a despir-se

e mergulhar numa piscina. O filme era para maiores de doze anos, mas ele nunca mais voltara a ver nenhum. A mãe ia ver todos, procurando depois dizer algo encorajador. Mesmo que fosse pouco. Recusava-se a mentir. «Gostei da maneira como disseste aquela deixa, que ias sair de casa, de olhos muito abertos e com as mãos a remexer nos botões do vestido», escrevia. «Aquele vestido encarnado ficava-te tão bem. Devias usar cores vivas!»

«O meu pai farta-se de dormir sextas sempre que vou visitá-los», dizia ela a Tommy.

«Sestas?»

«Ele tem vergonha de mim. Pensa que eu sou uma hippie puta. Uma puta hippie.»

«Isso é ridículo. Como eu digo n' *A Opinião de um Homem*, tu és a pessoa mais conservadora a nível sexual que eu conheço.»

«Sim, 'tá bem.»

A mãe recebia-a sempre calorosamente, de olhos alagados. Andava agora a ler uns livros de bolso finos, de um homem chamado Robert Valleys, um homem que dizia que, depois de ter observado todo o sofrimento que há no mundo (a guerra, a fome, a cobiça) tinha descoberto a cura: os abraços.

Abraços, abraços, abraços, abraços, abraços.

A mãe acreditava nele. Apertava tanto e durante tanto tempo que Sidra, tal como uma criança ou um amante, ficava perdida na sensação e no cheiro dela: a pele doce e seca, o pescoço coberto de uma penugem de pêssego acinzentada. «Estou tão contente por teres saído daquele antro de iniquidade», disse a mãe suavemente.

Mas Sidra ainda recebia chamadas do antro. De noite, por vezes, o realizador telefonava de uma cabina, desejando tanto ser perdoado como realizar. «Penso nas coisas todas em que deves estar a pensar e digo "Ai, Jesus". Quero dizer, tu pensas nas coisas que eu às vezes penso que tu pensas?»

«Claro», disse Sidra. «Claro que penso nessas coisas.»

«Claro! Claro é um termo que não cabe nesta conversa!»

Quando Tommy telefonava, muitas vezes invadia-a um prazer tão súbito que se assustava.